

Peregrino: uma análise audiovisual a respeito de Antônio Conselheiro

Pedro Martins Mallmann*

Canudos (Brasil, 1978, 70 min.)

Diretor: Ipojuca Pontes

Fotografia: Aloysio Raulino; Júlio Romiti; Vito Diniz

Montagem: Henrique Santos

Produção: Tereza Rachel Produções Artísticas; Thearte; Hilton Have Produções; Ipojuca Pontes, Almir Branco.

Paixão e Guerra no Sertão de Canudos (Brasil, 1993, 78 min.)

Diretor: Antonio Olavo

Fotografia: André Benigno

Montagem: Paulo Pestana

Produção: Portfolium – Laboratório de Imagem; Antônio Olavo; Ricardo Gaspas; Selma Santos; Salomão Soares.

Sobreviventes – Filhos da Guerra de Canudos (Brasil, 2004, 78 min.)

Diretor: Paulo Fontenelle

Fotografia: Cleisson Vidal, Mário Bredario

Montagem: Paulo Fontenelle

Produção: Cleyde Afonso.

Antônio Conselheiro (Brasil, 2015, 42 min.)

Diretor: João Dummar Neto

Fotografia: Adriano Arruda; Alex Meira; Nicholas Távora

Montagem: Rafael Oliveira; Rui Ferreira

Produção: Roberto Santos.

* Graduação em Licenciatura em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. 91509-900, Porto Alegre, Brasil. E-mail: pedromartinsmallmann@gmail.com

Queremos agradecer à Professora Doutora Clarice Gontarski Speranza por toda a ajuda e incentivo prestado na construção deste texto. Sem ela, este trabalho jamais teria a qualidade necessária para almejarmos sua publicação. Fica aqui nosso reconhecimento.

... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão, em que se apóia o passo tardo dos peregrinos...¹

Introdução

A epígrafe que abre esta análise vem do célebre relato da campanha de Canudos, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado pela primeira vez em livro em 1902. Traçando para a figura de Antônio Conselheiro um retrato predominantemente místico – sendo o homem resultado do "isolamento de três séculos" da região em que vivera, da "tragédia familiar" e da "mestiçagem" (tanto das "três raças" que deram origem ao brasileiro quanto da religião católica) – a interpretação do jornalista e escritor seria uma das primeiras, e mais famosa, de todas as ideias concebidas a respeito daquele que, a par de todas as distinções dadas por seguidores e inimigos, chamaria por toda a vida a si mesmo somente de peregrino.²

É reconhecido que a representação clássica de Euclides da Cunha influenciou toda uma gama de obras – desde retratos da literatura, filmes de ficção, poemas em cordel ou até mesmo adaptações para histórias em quadrinhos. Para o presente texto, vamos focar nossos esforços nas fontes audiovisuais. Aqui, nos atrai pensar os documentários realizados a respeito de Antônio Conselheiro e Canudos – desde a década de 1970 até recentemente – para tentarmos responder a duas questões, que são as seguintes: 1) De que forma a figura de Antônio Conselheiro é retratada nas diferentes filmagens? 2) De que forma o contexto político e social do país pode ter influenciado a construção do personagem nestas obras? Neste momento, é importante ressaltar o caráter popular que tanto o arraial quanto o peregrino possuíram e cuja memória do enfrentamento contra o exército ainda poderia ser um incômodo, principalmente durante o período de 1964 a 1985.³

1. Trecho transcrito de: Euclides da Cunha, *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Coleção Clássicos comentados I. São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2009, pp. 266-267.

2. Para se aprofundar mais na descrição da vida de Antônio Conselheiro feita por Euclides da Cunha, ver o capítulo IV de 'O Homem' (p. 251-257 na já citada edição consultada de *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. 'O Homem' é a segunda das três partes do livro cuja constituição é: A Terra, o Homem e A Luta.

3. Sobre essa situação, Walnice Nogueira Galvão escreveu em um de seus livros: "(...) Um ponto a se considerar é que, sendo amplo o sertão e a falta de água generalizada, se tenha tomado um partido implicando a obliteração do arraial, lugar de memória da desonra das forças armadas brasileiras, num dos desempenhos de maior barbárie de toda a sua história. E que uma ditadura militar tenha se encarregado de concluir e inaugurar a obra em 1969, ano seguinte ao Ato Institucional nº5 (AI-5), quando a sociedade civil estava em convulsão e o evento, não divulgado, passou despercebido. Foi só mais tarde que soou o alarme. A engenharia aproveitou o desfiladeiro ou garganta de Cocorobó, onde renhida batalha se travara, para represar a

Antônio Conselheiro e o arraial de Canudos constituem uma página única de nossa história. Dilacerante, trágica e repleta de sucessivos enganos, mas também cheia de fé e esperança. A redenção de Belo Monte frente à opinião pública, após a destruição da cidade sertaneja, abriu o tempo das especulações e ponderações. Como explicar Canudos? Como explicar, principalmente, alguém como Antônio Conselheiro? Se não podemos mais alcançar o homem real, podemos ao menos tentar compreender como foi representado ao longo do tempo, e o que poderia estar por trás dessas determinadas visões. É sobre essas questões que nos debruçaremos a seguir.

Primeira película: *Canudos de Ipojuca Pontes*

Este documentário, que estreou em 1978, se define como um “levantamento memorativo do conflito [...]”.⁴ A direção coube a Ipojuca Pontes e a narração foi realizada por Walmor Chagas. É importante dizer que esta película foi selecionada para representar o Brasil no Festival de Cannes (França) e no Festival Internacional de Cinema de San Sebastián (Espanha) no ano de 1978.

Logo no início, temos alguns recortes de áudios, pedaços de depoimentos colhidos durante as filmagens. Entre estas primeiras impressões a respeito de Antônio Conselheiro, destacamos o seguinte trecho: “O modo de seguir Antônio Conselheiro era que muitos acreditavam que ele era o Bom Jesus, era Jesus que estava ali, não era outro não, era o Bom Jesus. Foi por isso é que seguiam.”⁵

Essa visão religiosa do líder, contudo, não é universal. Mesmo entre os moradores locais entrevistados com reduzida formação escolar (como dona Alvina⁶ e João Francisco da Costa⁷) fica claro que a figura de conselheiro despertava controvérsias. Cabe observar ainda o enquadramento destes depoimentos, filmados de longe, sendo as questões do entrevistador (que nunca aparece) apresentadas quase aos gritos. Seria para inconscientemente dificultar a tomada de áudio, diminuindo a legitimidade? Pelo contrário: acreditamos que, ao mostrar a pobreza e o ambiente em que vivem (muito semelhantes às condições da maioria dos que viveram em Canudos) o diretor quis, dessa forma,

torrente da cheia do Vaza-Barris. E o arraial continuou a se expandir.”
In Galvão, W. (2002). *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos* (pp. 101-102). Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Grifo nosso.

4. *Canudos*, 1978, 00: 00: 50 – 00: 01: 46.

5. *Ibid.*, 00: 02: 52 – 00: 03: 06. Devido à baixa qualidade de áudio no vídeo a que tivemos acesso, não conseguimos identificar qual dos depoentes ofereceu esta fala. Grifo nosso.

6. *Ibid.*, 00: 10: 06 – 00: 10: 20.

7. *Ibid.*, 00: 15: 34 – 00: 16: 26.

promover a validação dos depoimentos pela própria experiência de vida dos depoentes.

José Aras (apresentado no filme como um intelectual autodidata) nos traz uma informação nova: “O único sermão do Conselheiro frisando era esse: A terra não é de ninguém, a terra é de todos.”⁸ O enquadramento bem mais próximo desta personagem (vemos claramente seu rosto, sua voz e seu escritório), bem como a sequência mostrando o museu sobre Canudos que ele mesmo construiu, revela que estamos diante de um homem que o filme faculta autoridade para falar sobre o assunto. Além de testemunha ocular do massacre, Aras é considerado também uma personalidade de formação invulgar.

Os depoimentos seguintes ganham cada vez mais “ares oficiais”. Militares e acadêmicos são enquadrados de perto e respaldados por estantes de livros e/ou certificados pregados nas paredes, ou filmados atrás de uma mesa de escritório. Do depoimento do General Umberto Peregrino,⁹ destaca-se que a guerrilha conselheirista foi lembrada juntamente com a guerrilha do Vietnã e a guerrilha movida contra os holandeses durante o período de ocupação do nordeste brasileiro no período colonial.

O depoimento final cabe ao historiador José Calasans. A lógica da filmagem seguiu a mesma (filmado de perto, com sequência mostrando suas estantes de livros a lhe legitimar), embora através do depoimento se perceba que este intelectual pensava de forma diferente dos que imediatamente o precederam. Segue um trecho do depoimento que diz respeito à figura de Antônio Conselheiro:

Creio que há necessidade de uma revisão histórica da figura do Conselheiro. [...] [Antônio Conselheiro era] Uma figura extraordinariamente humana [...]. Todos recordam a figura do Conselheiro como a de um homem bom, que só pregava o bem [...]. Ele distribuía com os pobres os recursos que angariava nas suas pregações. [...] Jamais se intitulou Conselheiro, sustentando que era apenas um simples peregrino preocupado em ajudar os desventurados. [...] ¹⁰

Pelo que podemos concluir, a figura de Antônio Conselheiro é aqui vista de uma forma mais tradicional, ou seja, a partir da religiosidade e dos relatos oficiais (e é dessa forma que entendemos a influência do contexto político e social do momento na construção da imagem do beato: como uma força reguladora). Mas também há na película quem tentasse ver mais além, sem negar o caráter comunal do discurso do beato (como José Aras) ou ainda buscando realizar uma leitura mais complexa do personagem (como é o caso de José Calasans). Não podemos deixar de nos referir à fala do General Umberto Pe-

8. Ibid., 00: 25: 30 – 00: 25: 37.

9. Ibid., 00: 34: 08 – 00: 40: 35.

10. Ibid., 00: 50: 19 – 00: 53: 15.

regrino (a menção à Guerra do Vietnã) nem à fala do narrador (“Escombros e ruínas lembram uma tentativa de humanidade que não floresceu nem murchou. Velhas casas fazem recordar um projeto desesperado de organização humana que não foi permitido evoluir.”¹¹). Estariam eles se referindo ao projeto social de Canudos ou à tentativa mais próxima (durante a ditadura civil-militar) dos militantes de luta armada de estabelecer uma sociedade socialista no Brasil?

Segunda película: *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos de Antonio Olavo*

Este documentário foi lançado em 1993. Foi dirigido por Antonio Olavo e tem narração de José Wilker. Foi o vencedor do Sol de Ouro do X Rio Cine Festival em 1994.

A primeira parte do filme é dedicada a nos apresentar Antônio Conselheiro e, logo no começo da narrativa (feita por diversos depoentes – entre eles o historiador José Calasans e até mesmo por descendentes do beato), surge um fato pouco divulgado – que o conhecido líder de Canudos também escreveu versos:

O relógio da saudade/ Ainda sustento nas horas/ Só quem não ama e não sente/ Quando meu bem vai embora// Quando meu bem me dizia/ Que se estou doente melhora/ Repita a mesma doença/ Quando meu bem vai embora// Minuto parece hora/ Hora parece dia/ Dia me parece ano/ Quando meu bem vai embora¹²

Em consonância com a ideia apresentada no relato histórico do depoente Honório Vilanova,¹³ o ex-padre Enoque Oliveira destaca que para Conselheiro a terra era um bem de todos (e não apenas da Igreja ou dos poderosos).¹⁴ Outro entrevistado, Sergio Guerra, chega a afirmar que “(...) efetivamente Canudos seja uma grande experiência que a gente pode ousar chamar socialista”.¹⁵ Manoel Neto e Edmundo Muniz seguem pelo mesmo caminho. Essa posição, contudo, não é unânime: Renato Ferraz nos lembra que o beato era tido até mesmo como um deus pelos que o seguiam, que “(...) o poder de Antônio Conselheiro só tem paralelo histórico nos Faraós do Egito” e opina ainda que Canudos (em seus aspectos de urbanização e necessidades do dia a dia) não

11. Ibid., 00: 30: 07 – 00: 30: 23.

12. *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos*, 1993, 00: 05: 52 – 00: 06: 12. Estes versos, atribuídos a Conselheiro, foram declamados por Zefa Maciel.

13. Ibid., 00: 22: 10 – 00: 22: 32.

14. Ibid., 00: 18: 11 – 00: 18: 32.

15. Ibid., 00: 22: 46 – 00: 22: 51.

era uma cidade que se destacasse pela sua diferença em relação às outras. Calasans, por sua vez, não acredita que Canudos era uma sociedade igualitária.¹⁶

Sobre a morte de Antônio Conselheiro, o filho do combatente conhecido como Pedrão, Rufino Calixto, relata em seu depoimento que Antônio Conselheiro “No terceiro [dia?] não amanheceu e não teve quem o visse mais. Não se sabe pra quem se induziu nem se morreu”.¹⁷ Zé de Isabel fala ainda que o beato adoeceu e, depois de morto, se esperou três dias para que ressuscitasse; seus seguidores, ao não agüentarem mais o mau cheiro do cadáver, então o enterraram. Uma terceira versão, contada por Ioiô Siqueira, é a mais conhecida: o Bom Jesus teria morrido em decorrência de um ferimento causado por um estilhaço de granada.¹⁸

Neste filme, é preciso salientar que as imagens dos entrevistados, sejam acadêmicos ou não, são tratadas de forma muito mais próxima. Às vezes em plano médio ou em *close*¹⁹ (isso quando a câmera não resolve se atentar a algum detalhe do corpo do entrevistado), os depoentes vão se sucedendo em frente à câmera. Ajudando a contar a história, obras de artistas – recentes ou de época – imaginam a figura de Antônio Conselheiro, bem como a de seus seguidores e das cenas de guerra. A montagem também ajuda a prender o espectador.

Concluimos que a figura de Antônio Conselheiro aqui é retratada de uma maneira mais diversa, acrescentando à imagem marcadamente religiosa e de homem que busca o bem comum outro aspecto – o de poeta. A montagem do documentário também influi no sentimento de efervescência de opiniões. Os recursos visuais (aqui nos referimos às imagens produzidas para melhor ilustrar as falas) condizem com a sensação de diversidade. A multiplicidade de relatos acerca de sua morte ou “arrebato” (!) encanta.

A respeito da influência política e social do país na construção da imagem do beato: as múltiplas interpretações mais “à esquerda” do espectro político sobre o Conselheiro, Canudos e sua organização econômica e social, acreditamos que só se pôde explorá-las após 1985. O que transparecia em apenas alguns momentos no documentário anterior (os depoimentos de José Aras e Calasans) agora é dito literalmente. Isto não significa que não exista espaço

16. Ibid., 00: 23: 05 – 00: 28: 38. Estes depoimentos podem ser vistos em sequência (embora tenhamos apresentado a discussão não necessariamente na ordem como aparece na projeção).

17. Ibid., 00: 59: 04 – 00: 59: 45. Destacamos aqui que esta transliteração não foi feita por nós: utilizamos aqui do trabalho da professora universitária e socióloga Lídia Maria Cardel em seu artigo “Canudos: A “essência” do sertão baiano” publicado na revista *Extraprensa* (USP) – Ano IX – nº 16 janeiro/junho de 2015, p. 41.

18. Ibid., 01: 00: 04 – 01: 02: 16. Os depoimentos podem ser vistos em sequência.

19. Plano médio: o personagem é enquadrado da cintura pra cima. *Close*: o rosto do personagem é enquadrado.

para opiniões distintas – apenas que o diretor optou conscientemente por uma visão marxista da saga sertaneja.²⁰

Terceira película: *Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos de Paulo Fontenelle*

Este documentário tenta fazer um resgate da memória dos últimos sobreviventes da Guerra de Canudos e/ou de seus descendentes mais próximos (no caso de haver o que chamamos de *memória transferida* ou *memória por tabela*).²¹ Foi lançado em 2004. Se não possui narrador, é o único dos filmes aqui analisados que ganhou legenda – para melhor compreensão dos entrevistados, em sua maioria em idade avançada. Entre os depoimentos, contamos com o de Antonio de Isabel – com 110 anos, o homem mais velho ainda vivo (à época) que conheceu Antônio Conselheiro – e com as palavras de Antonio Olavo (historiador e diretor da projeção anterior *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos*). É importante ressaltar que o historiador Antonio Olavo foi o único acadêmico entrevistado. Diz ele:

Eu acho que o Conselheiro foi uma figura extraordinária. Também uma pessoa muito inteligente. Você pega... Conselheiro produziu dois livros. Um foi publicado por Ataliba Nogueira em 1974, com uma segunda edição em 1978, e o outro está inédito até hoje por incrível que isso possa parecer. E você pega os escritos de Antônio Conselheiro você vê inúmeras citações em latim. Então é uma figura culta, uma figura inteligente. Você não vê uma palavra escrita errada, que ele risca pra reescrever. Você vê aquela escrita linear, aquela escrita bonita, aquela escrita erudita de alguém culto, inteligente. E ao mesmo tempo que ele é erudito, ele abraçava os anseios populares das mais profundas emoções da alma popular (...).²²

E diz ainda, recordando suas próprias pesquisas, que foi perguntar para Rufino Calixto, Zé de Isabel e Ioiô da Professora (conhecido também como Ioiô Siqueira) como se deu a morte de Antônio Conselheiro. Nesse momento, o historiador relata os depoimentos que aparecem em seu próprio documentário. Depois de relembrar as três versões e comentar a preferida pela historiografia – a morte pela disenteria – Antonio Olavo comenta: “Então qual é a verdade? A versão da historiografia oficial, dos historiadores é essa versão da “caminhreira”, da disenteria. Mas os historiadores não estavam lá.”²³

20. Silva, J. *apud* Sá, A. (2008). Canudos plural: imagens em movimento do sertão em guerra. *ArtCultura*, jul.-dez, 10(17): 205-219, 217. Uberlândia.

21. Para maiores informações sobre memória, buscar em Pollak, M. (1992) *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, 5(10): 200-212. Rio de Janeiro.

22. *Sobreviventes – Filhos da Guerra de Canudos*, 2004, 00: 08: 17 – 00: 09: 03.

23. *Ibid.*, 00: 45: 04 – 00: 45: 14.

Os historiadores não estavam lá... Essa frase pode resumir bem este documentário. Composto basicamente de depoimentos de populares, aqui a situação se inverte: Não são mais os comuns que aparecem em segundo plano: é o historiador que, ao fundo, embasa o que os outros dizem. Se em *Canudos* de Ipojuca Pontes, as testemunhas eram entrevistadas ao longe e no documentário de Antonio Olavo elas dividem o palco com diversas autoridades, agora ganham a linha de frente e contam a história a seu modo. Planos médios e *closes*, tomadas de corpo inteiro, a divisão entre uma câmera filmando o lado “oficial” e o lado “memorial, popular” é efêmera. Se o historiador aparece tendo suas estantes de livros às costas, agora isso pouco importa.²⁴

Com relação à figura de Antônio Conselheiro, fica a novidade (embora não para o público acadêmico em contato com a obra do professor Ataliba Nogueira da Universidade de São Paulo) de que o beato não possuía apenas um discurso religioso, como também tinha conhecimento suficiente das letras para articulá-lo em dois volumes (um desses manuscritos, “Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos Homens”, que inclusive só recentemente veio à público através dos esforços do acadêmico Pedro Lima Vasconcellos – professor na Universidade Federal de Alagoas²⁵). É aqui representado, portanto, como um homem de inegável saber, que a par de todas as representações que lhe pintam como um fanático ou louco, também pode ser encarado como um homem culto. Não aparece haver, contudo, uma relação direta entre o contexto político e social do país e a construção da imagem de Antônio Vicente Mendes Maciel. Apenas especulamos se a realização de um documentário dando espaço quase exclusivo para o sertão e sua gente apenas dois anos após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva – um sertanejo retirante que vivera em condições análogas à dos entrevistados – não seria uma forma de, inconscientemente, refletir a situação política de então.

Quarta película: *Antônio Conselheiro* – o programa nº 04 da série *Os Cearenses*, de João Dummar Neto

Veiculado pela primeira vez em 2015 e narrado por Tatiana Conde, este filme traz uma fórmula contrária àquela empregada no documentário anterior. Se em *Sobreviventes – Filhos da Guerra de Canudos*, a tônica era registrar ma-

24. Sobre a questão da validação do testemunho pelo historiador ou da relação entre historiador e testemunha, buscar o texto: Hartog, F. (2001). A testemunha e o historiador. In S. Pesavento (org.), *Fronteiras do Milênio* (pp. 11-41). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

25. O livro em questão é: Vasconcellos, Pedro Lima. (2017). *Antonio Conselheiro por ele mesmo*. São Paulo: É Edições.

oritariamente a visão dos populares, agora todos os depoimentos prestados (à exceção de um, o do agricultor e descendente de Conselheiro Marcílio Maciel) foram dados por especialistas (embora seja digno de destaque que a maioria dos acadêmicos não são ligados à área da História, havendo representantes de outros campos do conhecimento – como é o caso da professora Ângela Gutierrez, doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais).

Sobre o peregrino, Marcelo Biar (professor doutor em História que no Rio de Janeiro) opina: “É o resgate da identidade brasileira, do povo brasileiro. Eu acho que o Conselheiro é uma figura brasileira em sua essência.”²⁶ E mais adiante: “A história pessoal do Conselheiro é realmente um drama, né? Mas um drama que ou todos nós vivemos com todos esses aspectos ou vivemos alguns desses aspectos. Eu acho que isso só transforma ele mais numa pessoa normal.”²⁷ De fato, o tempo dedicado neste documentário a narrar a vida do beato nos mostra um homem inserido em seu mundo, no qual a postura frente à realidade não foi, durante muito tempo, considerada anormal ou sandice. Uma informação importante ressaltada é que Antônio Conselheiro não foi o primeiro beato a peregrinar pelos sertões: fica marcada a influência do Padre Ibiapina (1806 – 1883) na sua missão de peregrinar e interceder em favor dos menos favorecidos.²⁸

Neste documentário, Antônio Conselheiro não é visto como um louco rodeado de bárbaros e fanáticos, mas sim como uma pessoa lúcida que respondia aos anseios dos sertanejos pobres, de uma maneira que nem a Igreja ou o Estado estava conseguindo suprir. Essa identificação com o brasileiro e a relação com Padre Ibiapina (outro beato ainda hoje venerado pela população do Nordeste) faz lembrar que o Bom Jesus foi apenas o mais famoso dos religiosos populares que naquele momento vagavam pelo nordeste.

Com relação a como a câmera retrata os personagens na película, é mais utilizado o plano médio – embora aqui não tenhamos nenhuma estante de livros como pano de fundo. A impressão que fica é que as filmagens foram realizadas nas salas de estar das casas dos depoentes – o que altera o padrão que vinha se repetindo, de ressaltar a intelectualidade, e traz um colorido às imagens. É apresentado ainda um uso farto de trechos de filmes de ficção a fim de ilustrar a vida de Antônio Conselheiro. Destaca-se o uso da interpretação de José Wilker (que em 1997 deu vida ao beato no filme *Guerra de Canudos* de Sérgio Rezende). Atuando em reconstituições próprias deste documentário, temos os atores Cristiano Alves da Silva, Eusébio Gomes de Melo, João Adriano Vieira Leitão João Filho de Lima Almeida e Marcos Ismael Martins dando vida a

26. *Antonio Conselheiro*, 2015, 00: 08: 18 – 00: 08: 25.

27. *Ibid.*, 00: 12: 16 – 00: 12: 30.

28. *Ibid.*, 00: 13: 25 – 00: 14: 19.

diversos episódios da vida do beato: desde criança até o momento em que atendia por seu maior epíteto.

Sobre a maneira como o contexto político e social influenciou na interpretação da figura de Antônio Conselheiro, percebemos que nem a palavra “socialista” ou a expressão “socialismo” foi pronunciada para descrevê-lo ou à Canudos. Embora se compreenda que muitos dos depoentes vêem Belo Monte como uma experiência social igualitária, aqui a quimera social passa pela descoberta de uma relação diferente com a natureza²⁹ e que até mesmo se embasava nas diretrizes promulgadas pelas utopias milenares³⁰ (que identificamos como comunidades cristãs primitivas). Acreditamos que isso se deva pelo fato de que o momento de maior militância e organização social ocorrido após o fim ditadura civil-militar ter passado – com novas formas de organização (e aqui pensamos nas ONG’s³¹) agora dividindo o espaço que antes era exclusivo dos sindicatos ou organizações clandestinas. Indo mais além, acreditamos que se pode falar que o filme reflete uma despolitização da sociedade no período pós-ditadura civil-militar ocorrida a partir dos anos 1990.

Considerações finais

Voltamos agora às questões propostas no início deste texto. Em relação à primeira pergunta (De que forma a figura de Antônio Conselheiro é retratada nas diferentes filmagens?) ficou claro para nós que a imagem de Antônio Conselheiro se transformou ao longo do tempo. Da figura tradicional (a de um religioso endeusado) que se desprende dos depoimentos mais contidos do documentário *Canudos* de Ipojuca Pontes, passando pela visão francamente militante de boa parte dos entrevistados em *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* e chegando até os depoimentos de civis e acadêmicos nos dois últimos filmes (especialmente em *Antônio Conselheiro*, de 2015, onde é representado visto como um homem atento aos pobres e inserido sem dificuldade em seu ambiente, quase um homem comum), a imagem do peregrino foi sendo enriquecida e se tornando mais complexa.

Esta transformação nos é espantosa. Se o beato que surge ao final das projeções é um homem religioso, mas também sensível e culto, capaz de identificar-se com os mais pobres e tentar fazer algo para aliviar suas dores, não deixa de ser surpreendente que atualmente tenha sido considerado apto a figurar no panteão nacional como um herói brasileiro. O recente projeto de

29. Ibid., 00: 00: 36 – 00: 00: 54.

30. Ibid., 00: 02: 12 – 00: 02: 19.

31. Para maiores detalhes sobre o assunto, ver Scherer-Warren, I. (2006). Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais. *Sociedade e Estado*, jan./abr., 21(1): 109-130. Brasília.

Lei 5753/2016, de autoria da deputada federal Luizianne Martins (PT/CE) de inscrevê-lo no Livro dos Heróis da Pátria é um contundente indício dessa mudança de mentalidade acerca do líder de Belo Monte.

Sobre a segunda questão (De que forma o contexto político e social do país pode ter influenciado a construção do personagem nestas obras?), não chegamos a uma conclusão definitiva – mas ficou claro que, ainda que indiretamente, o contexto político e social influenciou sim na construção da imagem de Antônio Conselheiro. Vale a pena destacar a grande diferença entre o documentário *Canudos* de 1978 com o dirigido por Antonio Olavo. Se no primeiro caso a figura de Antônio Vicente Mendes Maciel sofreu com o silêncio, com aquilo que a película não disse (ou falou apenas tergiversando sobre o assunto), no segundo as opiniões são escancaradas. Esta mudança de postura parece-nos refletir de forma muito clara os diferentes momentos pelos quais passou o Brasil.

Por fim, cabe dizer que este trabalho, longe de apenas responder nossas questões sobre o assunto, nos inspirou a levantar outras dúvidas que podem ser exploradas em estudos futuros. Uma possibilidade é refletir sobre como a epopeia de Canudos (e de outras experiências sociais semelhantes, como a do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, organizado pelo beato José Lourenço) foi sendo vista ao longo do tempo. Outra questão seria analisar a possibilidade de se escrever uma história do Brasil através da maneira como o país olha para o seu passado. Compreendemos, enfim, que temos ainda muito chão a palmilhar, que na busca do conhecimento somos também, apenas, simples peregrinos...

Referências bibliográficas

- Cardel, L. (2015). Canudos: A “essência” do sertão baiano. *Extraprensa*, janeiro/junho, Ano IX(16). USP.
- Cunha, E. da (2009). *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Coleção Clássicos comentados I. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Galvão, W. (2002). *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Hartog, F. (2001). A testemunha e o historiador. In S. Pesavento (org.), *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS.
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10). Rio de Janeiro.
- Sá, A. (2008). Canudos plural: imagens em movimento do sertão em guerra. *ArtCultura*, jul.-dez., 10(17): 205-219, 217. Uberlândia.

- Scherer-Warren, I. (2006). Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais. *Sociedade e Estado*, jan.-abr., 21(1): 109-130. Brasília.
- Vasconcellos, P. (2017). *Antonio Conselheiro por ele mesmo*. São Paulo: É Edições.